

INCLUSÃO DIGITAL INDÍGENA NO BRASIL: VERDADES E MENTIRAS

Ivânia dos Santos Neves

Brasil

UFPA.

ivanian@uol.com.br



Doutora em Análise do Discurso pela UNICAMP, mestre em Antropologia, pela UFPA. Coordenadora do Programa de Mestrado em Comunicação, Linguagem e Cultura da UNAMA, professora Visitante da UFPA. Dedicase principalmente a pesquisas sobre processos de recepção e sociedades indígenas. É líder do grupo de pesquisa Mediações e Discursos com sociedades amazônicas.

Hellen Maria Alonso Monarcha

Brasil

UFPA.

monarchamkt@yahoo.com.br



Mestre em Comunicação, Linguagem e Cultura pela UNAMA. Publicitária e Professora da FEAPA. Dedicase principalmente a pesquisas relacionadas às redes sociais e sociedades indígenas.

Resumo

Este artigo analisa, a partir das reflexões teóricas da Análise do Discurso e dos Estudos de Recepção, o quadro atual da inclusão digital dos indígenas brasileiros. A pesquisa foi realizada em sites e blogs administrados por sociedades indígenas e em perfis de usuários do Facebook que assumiam identidades indígenas, no período de junho de 2010 a abril de 2012. Como corpus de análise, selecionamos as postagens feitas por duas sociedades que vivem na Amazônia, os Suruí-Paiter e os Baniwa, uma do centro-sul, a Guarani e a sociedade indígena Kariri-Xocó, no nordeste brasileiro. Em 2010, o Governo Brasileiro anunciou um grande investimento em pontos de acesso à internet em terras indígenas, mas os resultados de nossa investigação demonstraram que ainda é bastante incipiente a presença de indígenas brasileiros na rede mundial de computadores.

Palavras-Chave: internet; Paiter; Kariri-Xocó

Indigenous digital inclusion in Brazil: truth and lies

This paper analyzes, from theoretical discussions of discourse analysis and reception studies, the current digital inclusion of Brazilian Indians. The survey was conducted on websites and blogs run by indigenous peoples and indigenous user profiles on Facebook, from June 2010 to April 2012. How corpus of analysis, we selected the posts made by two societies that live in the Amazon, the Surui-Paiter and Baniwa, Guarani indigenous peoples in Central and South and Kariri-Xocó indigenous people, in the northeast. In 2010, the Brazilian government announced large investment in Internet access points in Indian lands, but the results of our investigation showed that it is the presence of incipient Brazilian Indians in the world wide web.

Keywords: internet; Paiter; Kariri-Xocó

Primeiras Palavras

No ano de 2010, o Governo Brasileiro anunciou um investimento de três milhões de dólares para os processos de inclusão digital dos povos indígenas. O Ministério da Cultura - Minc deveria financiar os pontos de acesso à internet nas terras indígenas espalhadas por todas as regiões do país e entregar kits multimídias para mais de 150 sociedades. Este anúncio foi mais uma propaganda falaciosa do Governo, pois os resultados observados, na web, mostram algumas ações isoladas, sem continuidade.

A presença de indígenas brasileiros na rede mundial de computadores é bastante heterogênea e acontece por razões bem diversas, que independem de iniciativas governamentais. Durante as pesquisas, encontramos apenas uma sociedade indígena com ponto de internet nas casas da aldeia, com acesso 24h, os Suruí- Paiter. Poucas sociedades contam com ponto de internet na escola e para a grande maioria, a inclusão digital é uma realidade muito distante.

Não é possível conceber um projeto nacional de inclusão digital que chegasse a todas as terras indígenas, nas mesmas condições. Isto seria impossível, porque, primeiro, demandaria um investimento em infraestrutura muito maior do que o anunciado em 2010. Vale lembrar que ainda hoje, as escolas indígenas diferenciadas, previstas pelas leis brasileiras, ainda não existem em muitas terras indígenas. Assim também como a saúde indígena é motivo de muita reclamação no Brasil. Diante destes fatos, é difícil acreditar nas políticas públicas federais em relação aos povos indígenas.

As sociedades indígenas vivem situações muito diferentes em relação ao contato com as tecnologias da informação. Atualmente, existem terras indígenas demarcadas nas regiões metropolitanas das cidades de São Paulo e de Porto Alegre, duas das maiores capitais brasileiras, e, pelo menos, em tese, estes indígenas teriam mais acesso à internet. Por outro lado, as imagens de satélite revelam que, atualmente, há cerca de trinta grupos indígenas isolados na Floresta Amazônica e não há muito sentido em pensar a inclusão digital para eles. São, portanto, realidades acentuadamente diferentes.

Talvez a solução para este problema fosse investir em ações coordenadas por secretarias de educação e cultura de estados e municípios, descentralizadas do Minc. Já existem algumas iniciativas destas secretarias que estão fazendo funcionar a inclusão digital via escola, mas as dificuldades são enormes, pois falta apoio financeiro do Governo Federal.

Para pensar esta história do presente e os processos de inclusão digital dos povos indígenas no Brasil, tomamos, aqui, a perspectiva de história descontínua, proposta por Michel Foucault (2005):

Para a história, em sua forma clássica, o descontínuo era, ao mesmo tempo, o dado e o impensável: o que se apresentava sob a natureza dos acontecimentos dispersos – decisões, acidentes, iniciativas, descobertas – e o que devia ser, pela análise, contornado, reduzido, apagado, para que aparecesse a continuidade dos acontecimentos. A descontinuidade era o

estigma da dispersão temporal que o historiador se encarregava de suprimir da história. Ela se tornou, agora, um dos elementos fundamentais da análise histórica.

Em análises preliminares sobre os processos de recepção das sociedades indígenas e as redes sociais, é possível pensar a internet como uma espécie de partilha do poder entre todos. Em tese, todos interagem com todos, além de cada um decidir o que quer e o que não quer ver, o que vai guardar e o que será descartado. Não se pode, no entanto, acreditar que a web 2.0 estabeleceu uma condição de absoluta igualdade entre seus usuários. A primeira consideração a ser feita diz respeito à acessibilidade, pois a interação é bem mais possível, quando os usuários têm acesso à banda larga e a equipamentos atualizados.

Outro aspecto que desmistifica este compartilhamento são os níveis de letramento destes usuários. Isso significa que embora todos os usuários indígenas estabeleçam processos de recepção em relação à rede, eles falam de lugares sociais diferentes. Para Foucault (2000), há de se considerar o lugar de onde o sujeito enuncia seu discurso e em relação à internet não é diferente, pois seus usuários nem falam, nem tampouco “escutam” do mesmo lugar.

Neste artigo, a partir das reflexões da Análise do Discurso e dos Estudos de Recepção, vamos analisar a diversificada presença de povos indígenas brasileiros que acessam à rede mundial de computadores e assumem uma identidade indígena. Para isso, selecionamos quatro situações que envolvem sociedades indígenas e a relação que estabelecem com as redes sociais da web.

Entrando na rede

A pesquisa empírica dos dados analisados, neste artigo, aconteceu no período de junho de 2010 a abril de 2012 e faz parte do acervo produzido pelo grupo de Pesquisa da Universidade da Amazônia - Mediações e Discursos com Sociedades Amazônicas. Três alunos do mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura, que participam deste grupo, desenvolvem pesquisas sobre a presença indígena na internet. Aqui, apresentamos os resultados da primeira dissertação concluída, intitulada “Redes Sociais e Sociedades Indígenas: entre dígitos e Jenipapo” (Monarcha, 2012).

A pesquisa aconteceu na internet e procurou investigar a presença de usuários que assumiam identidade indígena nas redes sociais. Num primeiro momento, as atenções estiveram voltadas para os blogs e os sites administrados por povos indígenas e começamos a colocar, em

ordem alfabética, os nomes das sociedades no site de buscas do Google. Na segunda busca, ainda na letra A, chegamos ao site do 1º Simpósio Indígena sobre usos da Internet no Brasil, que seria realizado em novembro de 2010, na Universidade de São Paulo – USP. O evento reuniu lideranças de 16 etnias para discutir os exemplos de usos bem-sucedidos, mas também as limitações encontradas por cada povo, as convergências e divergências dessas informações.

As principais dificuldades relatadas pelas lideranças indígenas, neste congresso, fazem parte de um contexto maior na América Latina. Assim como acontece entre eles, milhares de latino-americanos também vivem, de certa forma, à margem de uma cibercidadania, ainda que já estejam envolvidos pelo mundo digital.

Ao site do evento, adicionou-se uma relação de 34 links com endereços dos blogs indígenas, naquele momento conhecidos pelos organizadores e pelos participantes do evento. A partir desta informação, realizamos uma pesquisa para observar o funcionamento de todas estas páginas, identificando quais eram as mais ativas e como acontecia a participação dos indígenas.

Logo nas primeiras visitas a estas páginas, percebemos que algumas indicavam a presença de usuários indígenas, no Facebook e ampliamos o universo da pesquisa. Pelas singularidades desta rede social, foi possível uma interação maior, já que podíamos estabelecer conversas com alguns indígenas. É difícil traçar um perfil destes usuários: lideranças, homens, mulheres, jovens, estudantes, de diferentes sociedades, de diferentes faixas etárias, de diferentes níveis de escolaridades, com diferentes níveis de acesso.

Em meio a tanta diversidade, aqui, analisaremos apenas quatro situações, que se não exaurem as discussões sobre inclusão digital indígena no Brasil, pelo menos traçam um panorama que nos possibilita pensar sobre o que acontece no momento. Seleccionamos duas sociedades que vivem na Amazônia, os Suruí-Paiter, por serem os indígenas com mais acesso nas redes sociais e os Baniwa, em função dos trabalhos desenvolvidos pelo professor de novas tecnologias Ray Bejamim em seus blogs. No centro-sul do Brasil, elegemos a produção dos Guarani nas redes sociais, pela localização de suas aldeias e pelo seu contingente populacional que supera os trinta mil indígenas. No final, analisamos os Kariri-Xocó, que vivem em Alagoas, no nordeste brasileiro, pela descrição detalhada, em seus blogs, do processo de inclusão digital que supostamente estariam vivendo em 2010.

Os Paiter e a parceria com o Google

Os Paiter, que vivem no estado de Rondônia, são os indígenas da Amazônia mais conectados à rede mundial de computadores. Até o início de 2012, eram os únicos com ponto de internet em várias casas, na aldeia, via satélite. A entrada desta sociedade no mundo digital teve início a partir de uma iniciativa de um de seus líderes mais atuantes, o chefe Almir Narayamoga Suruí, que conseguiu uma parceria com o *Google*.

Eles estão presentes em várias redes sociais, como blogs pessoais e de associações das quais fazem parte ([Ponto de Cultura Maloca Digital GASODÁ SURUI](#), [Paiter Suruí](#), [Chicoepab Suruí](#), [Paiter de Mato Grosso - Rondolândia](#), [Celso](#), [INSTITUTO YABNER](#), [Urariwe Suruí](#)), no Orkut, no Twitter e no Facebook. Eles são uma das etnias indígenas com as atualizações mais constantes no Facebook.

Os indígenas da sociedade Paiter são os mais presentes, tanto em tempo de conexão, quanto em número de pessoas conectadas, de diversas faixas etárias e com diferentes discursos. Além das lideranças que estiveram no simpósio da USP, o chefe Almir Narayamoga Suruí e Chicoepab Suruí, há muitos outros Paiter na web, inclusive em outras redes sociais, como o *Twitter* e o *Orkut*.

Ainda que a parceria com o *Google* tenha gerado ganhos políticos para os indígenas da sociedade Paiter, é possível perceber que as discussões políticas em relação aos povos indígenas são promovidas pela sua principal liderança, o chefe Almir Suruí. Mesmo outras lideranças desta sociedade, postam sobre assuntos diversos e mais cotidianos, como preferências musicais, possibilidades de viagens, situações escolares e até enunciados de humor, comumente

Figura 01: Compartilhamento de Chicoepab Suruí no *Facebook*

Chicoepab Suruí
Gasodá Suruí, Urariwe Suruí, Fabrício Suruy, Maria Leonice Tupari, Rubens Naraikoe Suruí, Maloca Suruí, Cardozo Ivaneide

Porque esse não quer sair? ...
Só um curtir, estou saindo!

Fotos do mural
Presente ideal para sua namorada => <http://goo.gl/H4h7l>
De: Humordido

Curtir · Comentar · Compartilhar · 13 de Março às 21:14 · 🌐

👍 Maloca Suruí e outras 2 pessoas curtiram isso.

📄 1 compartilhamento

Anacléia Silva RSR5RSR5RSR5RSR5
14 de Março às 11:40 · Curtir

Escreva um comentário...

Fonte: <https://www.Facebook.com/profile.php?id=100001988945608>

encontradas na plataforma do Facebook.

Na imagem compartilhada por Chicoepab, o desenho enfatiza uma preocupação bem recorrente entre os mais velhos sobre o tempo de permanência dos jovens internautas na web. Ele marcou pelo menos cinco pessoas com o sobrenome Suruí para receberem a imagem humorística, o que representa uma amostra do acesso facilitado dos Paiter à internet. O compartilhamento foi realizado às 21h14, um horário que representa disponibilidade de conexão e sugere um ambiente doméstico de acesso. A brincadeira com o tempo de conexão dos usuários evidencia a realidade experienciada pela sociedade Paiter, o que, definitivamente não é recorrente em outras sociedades indígenas.

O jovem Paiter Oyexiener Suruí, de 17 anos é um dos usuários mais assíduos da rede mundial de computadores, está presente no Orkut, Twitter e Facebook. Ele também participa indiretamente dos outros blogs de sua sociedade. Nas duas postagens a seguir, aparecem situações que desafiam uma definição singular de identidade, pois mostram o trânsito deste jovem entre a cultura tecnológica globalizada e as práticas tradicionais dos Paiter.

Figura 02- Oyexiener e o Google



Na fotografia, o ambiente em nada remete a uma aldeia indígena, com prateleiras e papeis, pastas, o que já causa certo estranhamento para aqueles que desejam ver uma imagem estereotipada dos indígenas. Oyexiener se posicionou na lateral da fotografia e centralizou o nome *Google*. Seus olhos não estão na direção da câmera e ressaltam a marca da empresa. Sua posição na foto também orienta o “nosso olhar”. Diante desta imagem, não há como desconsiderar a importância desta empresa para sua sociedade.

Não há como ignorar a questão do consumo, que aparece na página, com a propaganda da companhia de aviação TAM. Este cenário contrasta com o discurso generalista sobre as condições de pobreza em que viveriam todos os povos indígenas. Por outro lado, é preciso tomar cuidado, para não cair em outra generalização e acreditar que todos vivem como os Paiter. É bom lembrar que eles são os únicos com tantos recursos tecnológicos e acesso à internet.

Os jovens não estão na rede com o único objetivo de marcar uma identidade indígena. Transitam por muitos espaços e, em muitas situações, assumem uma identidade urbana, bem comum entre meninos de classe média. Quando desejam marcar uma identidade indígena, nos enunciados que os Paiter postam na internet, como fotos, textos, eles aparecem com suas pinturas corporais.

Na imagem ao lado, Oyexiener Suruí aparece pintando sua amiga não-índia e este “fazer” tradicional, ressignificado é motivo de conversa entre ele e outros amigos. Em nossas pesquisas, constatamos que o grafismo indígena surge como uma das principais marcas identitárias dos povos indígenas, na web. Ele está presente nos perfis do Facebook e do Twitter, nos blogs, nos sites.

A presença de jovens Paiter nas redes sociais levanta polêmicas em relação às suas identidades indígenas. Há uma grande resistência em aceitar que eles continuam sendo indígenas, quando tem acesso ao aparato das novas tecnologias da comunicação. Sobre estas questões, esclarece Martín-Barbero, (2004, p.178):

De uma parte continua – agora de modo sofisticado e laico – a velha tradição idealista que opõe a tecnologia à cultura como se opõe a matéria ao espírito, e segue acreditando em uma identidade cultural. De outra parte funciona aí um contraditório conceito de “efeito” que permite, ao mesmo tempo, fragmentar o social em parcelas isoláveis de sentido e depois recompor tudo, metafisicamente, sem brechas nem conflitos.

Figura 03: Oyexiener pintando sua amiga não-índia



Fonte:

<https://www.Facebook.com/media/set/?set=a.206838496019680.47634.100000805922268&type=3>

O autor parte destas reflexões, para fomentar um importante debate a respeito das tecnologias da informação, especialmente na América latina. Para ele, precisamos nos preocupar como as tecnologias da comunicação constituem-se a partir de diversidades culturais e não ficar limitados a analisar os seus “efeitos”. Estamos falando sobre uma multiplicidade de sujeitos, com identidades cambiantes, que fazem diferentes usos da internet.

Ray Baniwa, professor de novas tecnologias

Os Baniwa vivem na fronteira do Brasil com a Colômbia e a Venezuela, em aldeias localizadas às margens do Rio Içana, em São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas. A maior parte da população deste município é constituída por indígenas e nas eleições de 2008, o prefeito e vice-prefeito vencedores são indígenas. São Gabriel foi a primeira cidade brasileira a oficializar além da língua portuguesa, três línguas indígenas: Tukano, Baniwa e Nheengatu.

O estado do Amazonas, onde se localiza o município, foi o primeiro da região amazônica a criar o Terceiro Grau indígena. Há, portanto, um investimento estadual na formação dos professores indígenas. Encontrar um professor Baniwa atuante na web, provavelmente, já é consequência deste investimento. A posição do professor, inclusive, deixa ver os benefícios da chegada destas tecnologias e sua preocupação em demonstrar que existem problemas em relação ao acesso.

Ray Benjamin Baniwa é professor de novas tecnologias na escola Pamáali, em sua aldeia. Ele possui vários blogs, perfil no Flirck, perfil no Facebook e no Twitter. Apesar disso, a aldeia onde mora ainda não possui ponto de internet. Quando não está viajando, o professor fica bastante tempo sem acessar seus perfis. Entre os usos sociais que faz da internet, Ray se preocupa em divulgar as atualizações de seus blogs, inclusive, quando faz alterações no design da página. Em seus blogs, há uma preocupação em atrair os usuários da web, de forma geral, que se revela tanto na maneira de envolver o leitor com suas narrativas, quanto na preocupação com o design. Assim ele resume sua trajetória, em seu perfil do blog:

Comecei a *blogar* desde 2007, usando o *blogger*, depois migrei para o WP em 2008 numa das oficinas que participei sobre produção de conteúdo. Hoje, sou professor da Escola Pamáali em Novas Tecnologias, coordeno o setor de comunicação da escola, responsável pela produção

de conteúdos para o *blog* da escola (www.pamaali.wordpress.com) e deste. E ainda participo da mobilização nacional dos Povos Indígenas na *Web*, iniciado no [Simpósio](#) realizado na USP em São Paulo, em dezembro de 2010. (Baniwa: 2010)

Nos blogs administrados por Ray, principalmente no Nodanakaroda, é possível perceber sua predileção pelo assunto tecnologia relacionada aos novos meios de comunicação. Sobre a dinâmica dos processos de criação e manutenção de seus blogs, Ray Benjamin diz que:

Na maioria das coisas boas que tem na rede, foram feitas sem querer. Algumas como *Facebook* para coisas ruim (quando foi criado, de acordo como é contado a história no filme) e outros, como *Orkut*, que foi criado por *Orkut*, sem querer... E logo se tornou uma das redes mais populares da rede..a mais acessada do Brasil. Quando conto isso, é porque quero dizer que ao longo das experiências os *blogs* criados na oficina irão direcionando seus caminhos para vários assuntos.. E que vai acontecer naturalmente, dependendo dos interesses e objetivos. Sempre melhorando. (Baniwa:2011)

A experiência de Ray Benjamin com o mundo digital, apesar das limitações de acesso em sua aldeia, evidencia, como coloca Martín-Barbero (2004), a tensão entre o presente e o passado, entre tecnologia e cultura, que agora se torna ostensiva, em função das novas tecnologias de comunicação.

O questionamento das novas tecnologias de comunicação nos obriga, assim, a analisar os diferentes registros desde os quais elas estão remodelando as identidades culturais. Ao nos impedir qualquer intento de fuga ao passado, as tecnologias evidenciam a força que ainda conserva a idealização indigenista e sua postulação de uma identidade anterior e exterior ao conflito que introduz o capitalismo em nossos países, isto é, a postulação de uma *autenticidade* cultural cujo sentido se acharia por trás, abaixo, em todo caso fora do processo e das dinâmicas da história. (Martín-Barbero: 2004)

Ao criticar o conceito de *efeito*, nas análises sobre os processos de comunicação, Martín-Barbero (2004) remete ao fetiche das oposições, principalmente entre tecnologia e cultura, como se toda a atividade estivesse de um lado e o outro lado fosse mera passividade. Os *posts* de Ray constituem um exemplo que permite a análise dos processos de comunicação em suas especificidades e também em suas complexidades históricas. A partir deles é possível, então, fazer um deslocamento do olhar para os usos e práticas da tecnologia.

No blog Nodanakaroda, há várias imagens do Rio Içana e outras paisagens que fazem parte do caminho percorrido por Ray Benjamin ao sair ou retornar à aldeia no alto Rio Negro. Algumas dessas imagens são tiradas pelo celular e postadas neste blog, mas também no Facebook e em alguns dos outros perfis utilizados por Ray Benjamin. As imagens configuram o universo dos Baniwa, através do olhar de Ray, e também constituem a memória desta trajetória que é constantemente realizada por ele. Esta forma de administrar seus blogs pode ser relacionado ao que Jauss (1979) diz sobre a experiência estética:

A experiência estética não se distingue apenas do lado de sua produtividade, como criação através da liberdade, mas também do lado da sua receptividade, como “aceitação em liberdade”. À medida que o julgamento estético pode representar tanto o modelo de um julgamento desinteressado, não imposto por uma necessidade, quanto o modelo de um consenso aberto, não determinado *a priori* por conceitos e regras, a conduta estética ganha, indiretamente, significação para a práxis da ação.

Na escola Pamáali, que fica fora da aldeia, há um ponto de internet. No momento em que aconteceu um problema com a conexão, o professor postou a informação no blog Nodanakaroda e, em seguida, quando o problema estava sendo resolvido, Ray fotografou e postou as imagens

Figura 04

Imagens do dia: São Gabriel da Cachoeira

MAR 13

Publicado por benjaminray



Foto de Celeular: Ray

Fonte:

<http://rbaniwa.wordpress.com/?s=Imagens+do+dia%3A+S%C3%A3o+Gabriel+da+Cachoeira>

do funcionário do programa GESAC trabalhando.

O programa Governo Federal Eletrônico Serviço de Atendimento ao Cidadão (GESAC) foi criado para fornecer conexão de internet a telecentros, principalmente para comunidades do interior, em locais de difícil acesso e sem telefonia fixa. Vários dos blogs indígenas pesquisados referem-se a este programa do governo.

Neste caso, o registro também funcionou como uma denúncia, ainda que isto não tenha sido explicitado além das fotografias e do título da postagem. No blog específico da escola Pamáali, não houve registro sobre a ausência da internet por alguns dias e o posterior restabelecimento da conexão.

No blog da escola são encontradas, principalmente, imagens e informações sobre oficinas, atividades de campo dos alunos, apresentação de trabalhos, turmas concluintes e formação de novas turmas, lançamentos de publicações na língua dos Baniwa e portuguesa, as mais diversas imagens da escola, internas, externas e aéreas, isto é, há uma seleção de conteúdo para os diversos blogs.

O mesmo celular ou câmera digital que pode fotografar belas paisagens como a do rio Içana, pode denunciar, protestar, vigiar. A tecnologia, que pode ser interpretada de forma

Figura 05

Rede de escolas Baniwa Coripaco lança publicação O que a gente precisa para viver e estar bem no mundo

MAR 6 Publicado por Escola Pamaali



<http://pamaali.wordpress.com/2012/03/06/rede-de-escolas-baniwa-coripaco-lanca-publicacao-o-que-a-gente-precisa-para-viver-e-estar-bem-no-mundo/>

Figura06

Transporte EIBC-Pamáali

MAR 14 Publicado por Escola Pamaali



Foto: Arquivo EIBC. Alunos da Escola Pamáali descendo para suas comunidades

Fonte: <http://pamaali.wordpress.com/>

bastante negativa, quando em contato com sociedades tradicionais, nas atitudes do professor,

ganha novos sentidos. E em vez de silenciar a cultura Baniwa, abre novos espaços para a circulação desta cultura.

Guarani: uma das maiores populações indígenas

Nas regiões Sul e Sudeste, não há uma grande diversidade de sociedade indígenas. Apenas os povos Kaingang e Guarani vivem espalhados pelos estados desta região, onde se localiza a maior concentração de usuários de internet do país. O estado de São Paulo, segundo dados do Mapa Digital do Brasil (2012) reúne o maior número de usuários de internet do Brasil. É também neste estado que encontramos a banda larga com o preço mais acessível do país.

Pela localização de suas terras indígenas, considerando que há uma aldeia Guarani na cidade de São Paulo e outra na área metropolitana de Porto Alegre, maior capital da região sul, eles poderiam ser os indígenas mais atuantes na internet. Porém, as questões históricas que envolvem a maior parte das sociedades Guarani, de certa forma, se traduzem no pouco acesso destes indígenas.

De acordo com o blog Tekoa Virtual (2011):

Atualmente, uma das maiores população indígena no Brasil é a Guarani, com cerca de 34.000 pessoas espalhadas por seis estados (SP, RJ, ES, MS, PR, SC e RS), além da presença na Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai, sob diferentes denominações. No Brasil, eles estão divididos em três grandes grupos denominados Nhandeva, Kaiowa e Mbya.

As sociedades Guarani possuem um contingente populacional significativo, mais de trinta mil indígenas, o que não quer dizer que tenham maior articulação na internet. Para conhecer mais a respeito dos Guaranis na web, foram consultados o blog da aldeia Guarani Krukutu, da aldeia Guarani Sapukai, o blog Teku Arandu e a Tekoa Virtual Guarani que, segundo enunciados do próprio blog, ainda está em fase de testes.

Além deste blog *em construção*, um de seus *links* saiu do ar durante o desenvolvimento da pesquisa, o Guarani Krukutu. O blog Guarani Sapukai apresenta descrições de *links*, sem a dinâmica dos comentários de usuários. Na seção “quem somos” aparece em primeiro lugar o indígena Algemiro da Silva Karai Mirim, porém todo o restante da equipe é formado por não-índios, totalizando seis pessoas. O blog Teku Arandu apresenta poucos comentários, porém

grandes estadísticas de visualizações de conteúdo por postagem, variando para mais ou para menos, conforme os assuntos de interesse dos visitantes e usuários cadastrados.

Um dos espaços mais significativos dos Guarani na internet, é o site Tekoa Virtual. A seguir, um trecho da apresentação da página:

Figura 07

O “Canal de Comunicação Guarani” possui as seguintes funcionalidades:

- Comunicação Multimídia via WEB: TV, Radio e Jornal - pretende ser uma janela aberta para a comunicação dos guaranis sem intermediário, aqui será possível ouvir o que pensam e o que querem sobre a causa indígena, a cultura e a educação. Além do conteúdo já produzido existente.
- Biblioteca - estarão disponíveis, artigos, escritos por indígenas ou não que retratem de alguma forma a comunidade guarani; existe também um link de nome publicações em que o usuário terá acesso a textos escritos por escritores, antropólogos entre outros que retratam a questão guarani.
- Fórum Tekoa Virtual Guarani - Um espaço de Colaboração, com temas propostos pelos membros e abertos para discussão para toda a sociedade. Criado para ser um campo de debate sobre diferentes assuntos que cercam as comunidades indígenas. O fórum será mediado, possibilitando dessa forma uma monitoração e uma elaboração de um documento final das discussões e que possam orientar os caminhos para projetos e propostas políticas e educacionais envolvendo os Guarani.
- Rede de Relacionamento Tekoa Virtual Guarani, o site também possui uma comunidade on-line onde os participantes podem trocar experiências e se unir em grupos segundo seus interesses. Dentro da página comunidade existem as seguintes ferramentas:
Perfil – área onde o usuário poderá organizar suas informações e que também permite o *upload* de suas fotografias.
Chat – canal em que os usuários cadastrados poderão conversar entre si em tempo real, particularmente ou em grupo.
Grupos – os grupos podem ser criados por qualquer usuário cadastrado, e este pode também enviar convites para que outros usuários participem do novo grupo criado. Dentro do grupo existe uma área para discussão sobre tópicos do grupo e cada usuário inscrito receberá por e-mail a informação de que uma nova contribuição foi feita ao dialogo do grupo.
Galeria – neste espaço o usuário poderá postar suas imagens formando assim uma galeria particular, ele pode também, se preferir tornar essas imagens públicas permitindo que outros usuários cadastrados as vejam e possam emitir comentários sobre as mesmas.

http://www.tekoavirtualguarani.net/index.php?option=com_content&view=article&id=55&Itemid=65

A produção audiovisual dos índios Guarani foi bastante incrementada pelo projeto Vídeo nas Aldeias, financiado pelo Ministério da Cultura. Há inclusive editais do Minc com o objetivo de financiar estas produções. Em relação à internet, porém, embora até haja propaganda governamental sobre o acesso dos povos indígenas à internet, entre os Guarani, pelo menos até o momento da conclusão desta pesquisa, não vimos esta amplitude de acesso se tornar uma realidade na web.

Sociedade indígena Kariri-Xocó

Para finalizar este panorama da inclusão digital indígena no Brasil, vamos analisar a criação do blog Telecentro Kariri-Xoco. Atualmente, este povo vive no estado de Alagoas, na região nordeste do Brasil. Os índices do Mapa da Inclusão digital no Brasil (2012) indicam que o acesso, nesta região, aumentou nos últimos 05 anos, mas ainda estão distantes de aproximar do número de usuários do sudeste brasileiro. Mais uma vez reiteramos que a realidade da inclusão digital entre os povos indígenas obedece às suas singularidades históricas e culturais. A pesquisa

com os Kariri-Xocó não pode ser tomada como uma realidade de todos os povos indígenas que vivem no nordeste.

A produção disponível postada pelos Kariri-Xocó chamou bastante atenção, durante a pesquisa, por uma peculiaridade: o detalhamento das postagens sobre sua “inclusão digital”. Como aparece nos enunciados a seguir, existe todo um procedimento de demonstração, que vai da pintura da casa onde funcionaria o telecentro, até reflexões ecológicas sobre os usos da internet. Neste primeiro enunciado, o padrão linguístico materializa um lugar de fala, no mínimo, ambíguo.

A internet é uma ferramenta muito importante para todos, desde que seja usada para o bem da humanidade, essa tecnologia contemporânea já era bastante conhecida pelo mundo civilizado, os indígenas apenas sonhava com o aparelho desconhecido. Os indígenas que viajavam para fazer representações de Cantos e Danças do Toré na cidade de Salvador Bahia fizeram um curso de formação em informática, idealizando um projeto de *Web*, no intuito de comunicarem-se via rede, fazer reportagens, ser fotógrafos, contar suas próprias histórias e registrar sua cultura . Em 2004 através da Thydewá uma ong que trabalha com os indígenas do Nordeste, entre estes os Kariri-Xoco do município de Porto Real do Colégio, Alagoas, fizeram um projeto para colocar Internet nas aldeias, onde esta comunidade teve o primeiro contato com a máquina.

<http://telakx.blogspot.com.br/2010/07/historico-do-telecentro-kariri-xoco.html>)

Os especialistas em educação indígena afirmam que a maior parte dos alunos indígenas têm dificuldade em utilizar os sinais de pontuação. Neste enunciado, contrastando com os estranhos “erros” de ortografia, que qualquer programa de edição de texto corrigiria, aparece uma pontuação bem organizada.

Neste enunciado, há uma justificativa para a inclusão digital, com argumento bastante razoável. Independente de ser um blog de uma sociedade indígena, postagens como estas não são muito comuns. Ao que parece, este tipo de postagem tem um interlocutor preferencial, que não são os usuários da web de forma indiscriminada. Sem querer construir verdades a partir deste

tipo de enunciado, é possível formular uma indagação, parafraseando Foucault (2000): A quem interessa este tipo de informação?

Há uma quantidade exagerada de detalhes a respeito das atividades do telecentro. O blog, porém, tem um total de cinco postagens que iniciam em julho e vão somente até outubro de 2010. Após esta data, não existe qualquer informação a respeito dos resultados alcançados sobre o que foi planejado. A conquista do telecentro índios *online*, pelos Kariri-Xocó, de Alagoas, é narrada passo a passo. Segundo texto publicado no blog (2009), eles começaram sem uma sede, alugaram uma casa e depois construíram uma pequena “ciberoca”. A iniciativa é conferida à ONG Thydewá, que propõe e realiza projetos com indígenas do Nordeste. O blog fala da parceria entre a ONG, o Ministério da Cultura (MINC) e o Ministério das Comunicações (MC), através do GESAC.

O blog apresenta um detalhamento amplo das ações realizadas em parceria com os organismos governamentais e um alto nível de conscientização e organização dos Kariri-xocó, sugerindo que a participação desta sociedade foi fundamental à continuidade do projeto. Os indígenas se reuniram e formaram um mutirão. Além de conseguir o apoio da ONG e dos programas de inclusão digital do governo, eles reuniram voluntários e várias outras instituições. No trecho a seguir, há uma descrição do que seria necessário adquirir para estruturar o telecentro e proteger os computadores. Entre as necessidades listadas está a pintura do espaço.

Fizemos um mutirão, parcerias com Associação Comunitária Indígena Bonsucesso Kariri-Xoco, GESAC, Thydewa, MC, MINC, SECULT-AL, voluntariado, conseguimos Reformar o Telecentro com Estruturação adequada para os aparelhos de nossa Inclusão Digital, adquirimos os computadores que estavam precisando para atender a demanda da comunidade, expandindo a Rede Índios *Online*.

(<http://telakx.blogspot.com.br/2010/10/telecentro-kariri-xoco-reformado.html>)

Além das imagens da reforma, com muitas fotos, da descrição de todos os recursos que eram necessários, da menção às pessoas e instituições

Figura08: Reforma do telecentro kariri-xocó



Fonte: http://telakx.blogspot.com.br/2010_10_01_archive.html

responsáveis pela reforma, o *blog* apresenta um detalhamento bastante preciso das ações seguintes, voltadas para a gestão do telecentro. Está exposta na internet a ata da reunião realizada pelos indígenas com o nome e o horário em que cada um deve ingressar no telecentro. Também estão expostas as atividades que cada um deverá desenvolver durante a utilização do espaço.

Os Jovens do Telecentro Indios *Online* reuniram-se hoje dia 8 de outubro de 2010, na Aldeia Indígena Kariri-Xoco, para discutirem sobre o Horário das pessoas que frequentam o Ponto de Cultura. Pelas decisões da reunião, toda pessoa que frequenta o Telecentro deve fazer algum trabalho para a comunidade, na questão de preservação da cultura, educação, saúde, meio ambiente, Comunicação e tudo que for necessário para o desenvolvimento de nosso povo. Fazer matérias, reportagens, fotografia, conscientização, registro da memória social. A Inclusão Digital é um Direito de Todos, mas o Telecentro Indios *Online* Kariri-Xoco, tem um Estatuto da Rede, internamente devemos fazer o nosso Regimento Interno.

(http://telakx.blogspot.com.br/2010_10_01_archive.html)

No texto a respeito da reunião do dia 08 de outubro, aparece como uma das atividades que devem ser executadas pelos frequentadores do telecentro Kariri-Xocó, o registro da memória social. Em sua página pessoal, Nhenety Kariri-Xocó se apresenta como alguém que gosta, entre outras coisas, de memória digital.

Professor indígena que gosta do meio ambiente e principalmente história do Povo Indígena Kariri-Xocó. Gosto de turismo, desenho animado, artes, gosto da Memória Digital, artes marciais, carnaval, magia, mitologia, lendas, esoterismo, etc.

(<http://kxnhenety.blogspot.com.br/2010/12/nao-e-lenda- apenas-verdade.html>).

No total, só foram realizados cinco *posts* e nenhum deles registra a memória das atividades que haviam sido propostas e que já deveriam ter ocorrido. É no mínimo estranho que depois de tanta conscientização, eles tenham parado de alimentar o blog. Pelas postagens, não é

possível saber o que houve com o telecentro em 2011 e 2012. Sabemos, no entanto, que a criação destes blogs gerou uma série de pesquisas acadêmicas, no Brasil, que analisam a inclusão digital indígena. Também é verdade que blogs como estes alimentam as estatísticas anunciadas pelo Ministério da Cultura no Brasil.

Considerações Finais

Dois anos depois de o Governo Brasileiro anunciar um grande investimento no processo de inclusão digital indígena, não podemos observar uma presença indígena mais significativa na rede mundial de computadores. Apenas os Paiter tem acesso irrestrito à web, em sua aldeia. Isto porque firmaram uma parceria com a empresa Google, que garantiu os equipamentos e o acesso via satélite.

No Brasil, como demonstrou o Mapa Virtual/2012, a maior concentração de pontos de internet está na região sudeste do país, enquanto na Amazônia, onde vive a maior parte dos povos indígenas, registram-se os menores índices de usuários. Para enfrentar este problema, que não atinge apenas as sociedades indígenas, mas os moradores da região, de forma geral, o Ministro das Comunicações anunciou, em maio de 2012, um contrato com a China, que deverá garantir a cobertura em satélite para a internet, na região, já que a chegada do cabo de fibra ótica acarretaria em destruição da floresta.

Na região Sudeste, os índices observáveis na internet também não são animadores em relação à presença indígena. Embora as sociedades Guarani e Kaingang estejam espalhadas por cidades em que o acesso é mais barato e bastante facilitado, as condições históricas, que ainda hoje submetem estas sociedades à situação de extrema pobreza, não lhes dá condição de assumir uma posição mais ativa na rede mundial de computadores.

Nossa proposta, aqui, não foi analisar os projetos aprovados sobre inclusão digital indígena, mas sim, observar a presença destas sociedades nas redes sociais e entre estas duas instâncias, as diferenças são bastante acentuadas. Mais uma vez o Governo Brasileiro anunciou uma inverdade sobre suas políticas de inclusão em relação aos povos indígenas. Ainda não houve, de fato, um enfrentamento sobre a inclusão digital. E para agravar mais esta situação, os poucos debates sobre o assunto se restringem ao acesso à internet. Não há uma preocupação em preparar os jovens e as crianças indígenas para entrar na internet.

No início do século XXI, os povos indígenas, apesar do violento silenciamento a que suas diferentes histórias foram submetidas, começam a ocupar uma nova posição no universo de

atores envolvidos nestas tensas e violentas fronteiras culturais. Neste cenário, a partir das formulações de J.B. Thompson (1989), pode-se pensar que a mídia atua em diferentes direções, pois ao mesmo tempo em que seu funcionamento pode silenciar ainda mais a tradição destas sociedades, também pode produzir ações afirmativas que façam a cultura destes povos transitar por espaços que estão além dos limites das terras indígenas.

A chegada da internet, assim como a chegada da televisão, pode representar uma grande ameaça ao conhecimento tradicional destes povos. A preocupação de Chicoepab Suruí, com o tempo prolongado que os jovens Paiter passam na frente do computador já sinaliza para os cuidados com os usos da internet. É preciso realizar um trabalho educativo com estas sociedades, para que tenham realmente condições de se apropriar das tecnologias da informação. Para Martín-Barbero (2004):

As tecnologias não são meras ferramentas dóceis e transparentes e não se deixam usar de qualquer modo, são em última instância a realização de uma cultura, e dominação das relações culturais. Mas o redesenho é possível, se não como estratégia, ao menos como tática, no sentido que lhe dá M. de Certeau: o modo de luta daquele que não pode se retirar para o seu lugar e vê-se obrigado a lutar no terreno do adversário.

Não podemos desconsiderar os processos históricos em que se construíram as fronteiras entre os povos indígenas e as sociedades ocidentais. Por outro lado, acreditar que não existe um horizonte de possibilidades que permita a desconstrução deste discurso hegemônico, é também uma maneira de reforçá-lo. Em relação às tecnologias da informação não é diferente.

Referências

Foucault, Michel. 2000. A Ordem do Discurso. São Paulo: Edições Loyola.

Foucault, Michel. 2005. A arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Fundação Getúlio Vargas, 2012. Mapa da Inclusão Digital do Brasil/2012. Rio de Janeiro

Jauss, Hans Robert. 1979. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Martín-Barbero, Jesús. 2004. Ofício de Cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola.

Monarcha, Hellen. 2012. Redes Sociais e Sociedades Indígenas: entre dígitos e jenipapo. Dissertação de Mestrado. Belém: Universidade da Amazônia.

Thompson, John B. 1989. A mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia.

Petrópolis: Vozes.